

Paivenses falecidos
no Ultramar Português



OS NOSSOS HERÓIS

Manuel de Almeida Ferreira 1942 - 1965

Foi o segundo militar da Freguesia de Pedorido e do Concelho de Castelo de Paiva que faleceu na Guerra do Ultramar.

Nasceu a 9 de Dezembro de 1942 no lugar de Cova do Areíño, Freguesia de Pedorido, Concelho de Castelo de Paiva.

Filho de Manuel Ferreira, sapateiro e de Carminda das Dores, doméstica.

Por volta dos 12 anos de idade foi viver para a cidade de Vila Real.

Era solteiro e tinha a profissão de carregador de camionetes.

Residia na Rua da Meia-Laranja em Vila Real quando foi incorporado no Exército a 29 de Julho de 1963. Tirou a Especialidade de Atirador e foi promovido a 1º Cabo. Foi mobilizado para a Província Ultramarina de Moçambique.

Pertenceu à Companhia de Caçadores 615 "Os Vampiros", posteriormente integrada no Batalhão de Caçadores 729. Participou em operações militares no Alto do Molocué (Zambézia, em Cabo Delgado (Planalto dos Macondes) e em Sadima.

Numa operação efectuada nesta região em 25 de Julho de 1965, a viatura militar onde também seguia o Manuel Ferreira, pisou um forninho (caixão de pólvora) e a explosão causou a sua morte e de mais quatro camaradas.

Os seus restos mortais repousam na campa 91-2 do cemitério de Mueda em Cabo Delgado no norte de Moçambique.

EDITORIAL | José Moreira Presidente da ACUP



A ACUP celebrou este mês de Junho mais um aniversário. Já vai longo este nosso caminho. Completámos 16 anos de uma caminhada sem tréguas, pelos direitos dos antigos combatentes do Ultramar Português. Alguma coisa conseguimos fazer, naturalmente muito há ainda a conseguir. Acreditamos que uma Associação como a nossa deve ser uma mistura entre o que fez, o que já passou, e a ambição de querer sempre mais. Não ignoramos as grandes dificuldades porque passam muitos daqueles que tendo servido a pátria na sua juventude, foram esquecidos nos anos subsequentes. Esta foi, e será sempre, a nossa motivação, e a nossa maior razão de existir.

A presença continuada das mais ilustres figuras civis e militares, nas comemorações dos nossos aniversários ao longo dos anos, é em si mesma a prova da respeitabilidade e reconhecimento que a ACUP conquistou. Hoje contamos com apoios e fizemos parcerias um pouco por todo o país. Extravásámos os limites concelhios há muito, e o prestígio que alcançámos dá-nos a alegria do dever cumprido, mas também a responsabilidade de continuar a melhorar em cada dia.

A nossa festa do passado dia 17 de Junho, a quantidade de associados, convidados e amigos que a nós se juntaram, vindos praticamente de todo o país, é o maior agradecimento que podemos receber. Simultaneamente dá-nos a certeza que deveremos continuar por este caminho. Alargando a nossa atividade a parcerias com outras instituições, procurando soluções abrangentes, e cultivando a amizade e a camaradagem que trouxemos de África.

Esta camaradagem de que falamos, é a parte mais importante do ADN da nossa instituição. Foi criada e cimentada nos difíceis dias das nossas comissões em África, quando o isolamento do resto do mundo quase nos sufocava. Hoje é a celebração dessa camaradagem que nos leva a não abandonar nunca nenhum ex-combatente em dificuldades.

Vamos pois a mais um ano de projetos, de trabalho e de empenho. Temos a certeza de que novos horizontes se rasgarão à nossa frente. Bem-haja a todos os que estiveram connosco no nosso aniversário.



16.º ANIVERSÁRIO DA ACUP

No dia 17 de Junho realizaram-se as cerimónias comemorativas da nossa associação. A Vila de Castelo de Paiva acolheu muitos antigos combatentes e familiares bem como ilustres convidados que nos deram a honra de estarem presentes nestes actos de grande simbolismo, patriotismo e camaradagem.

O desfile para o Monumento aos Soldados Paivenses que morreram na Guerra Colonial, com grande participação e emoldurado pelos guiões e bandeiras das Associações de antigos combatentes, foi um momento inesquecível. Uma fanfarra composta por elementos da Academia de Música

e das Bandas Musicais de Bairros e Pejão animaram o percurso e deram um ar solene e festivo.

As cerimónias junto ao monumento foram o momento mais emotivo e patriótico do aniversário. As intervenções do Presidente da ACUP, José Moreira, do Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Paiva, do representante da A.O.F.A. e a leitura das mensagens enviadas pelo senhor General Rocha Vieira e senhor General Governo Maia, sensibilizaram profundamente todos os presentes.

A “chamada” dos 27 camaradas Paivenses que tombaram ao serviço da Pátria naquele conflito militar, a deposição de flores, a largada de pombas símbolo da paz, as honras militares prestadas por uma secção de militares do RE 3 de Espinho e a entoação do Hino Nacional, foram momentos emocionantes ali vividos.

A Missa celebrada na Igreja Matriz da Vila de Castelo de Paiva, presidida pelo reverendo Padre Joaquim Soares, antigo Capelão militar na Guiné e a excelente animação feita pelo Grupo Coral daquela Paróquia foram felizes circunstâncias de fé e partilha.

Por fim, o sempre esperado almoço-convívio. Pela primeira vez realizou-se no refeitório da Escola Secundária de Castelo de Paiva. A escolha deste local foi uma aposta ganha, atestada pelas excelentes condições que os cerca de 250 convivas puderam disfrutar.

Cumprido este objectivo, os Órgãos Sociais da ACUP agradecem reconhecidos a presença de todos quantos se associaram a esta efeméride. Seja permitido um agradecimento especial às seguintes entidades:

- Dr. Gonçalo Rocha, Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Paiva
- Dra. Beatriz Rodrigues, Directora do Agrupamento de Escolas de Castelo de Paiva.
- Padre Dr. Joaquim Soares
- Dra. Catarina Figueiredo e Dr. Nuno Caeiro, representantes do Ministério da Defesa Nacional
- Coronel Jara Franco
- Tenente Coronel Agostinho Janeiro, A.O.F.A. - Associação dos Oficiais das Forças Armadas
- Sargento Ajudante Henrique Pinto, representante de Comandante do RE 3 Espinho
- Presidente dos B. V. de C. de Paiva, GNR de Castelo de Paiva e Paróquia de Sobrado.

AEROGRAMA



FICHA TÉCNICA

Propriedade da ACUP

Associação Combatentes do Ultramar Português

SEDE: R. Prof. Egas Moniz, 176 - 4550-146 CASTELO DE PAIVA

Telef.: 255 689 229 - Telem.: 936 561 300

acup.combatentes@sapo.pt

Os artigos publicados no "AEROGRAMA" são da inteira responsabilidade dos seus autores

Tiragem: 1000 exemplares

Design Gráfico: João da Gráfica

padaria
a moreira

Entroncamento
4625-068 FAVÕES
T. 255 580 220 - 255 580 229

CA

Crédito Agrícola

T. 255 698 511

R. Dr. Sá Carneiro, 68
4550-120 Castelo de Paiva

Assim é a ACUP



Reunião de Associações de Combatentes Lousã - 07 - 04 - 2018



Dia Do Combatente - Batalha - 14 - 04 - 2018



Prevenção da Diabetes e da Hipertensão Sede Da Acup - 19 - 04 - 2018



Comemorações do 25 de Abril Castelo De Paiva - 25 - 04 - 2018



Palestras na EB 2/3 de Souselo - Cinfães - 27 - 04 - 2018



Aniversário da A.C. Beirões Mangualde - 29 - 04 - 2018



Utentes da Acup - Hidroginástica



XXIV Encontro de Ex Combatentes Labruge no dia 19 de maio 2018 Aniversário da A.C. Vila do Conde Labruge - 19 - 05 - 2018



Caminhada da Acup 31 - 05 - 2018



Aniversário da A.C. de Arganil - 03 - 06 - 2018



25.º Encontro de Combatentes Lisboa - 10 - 06 - 2018



Reunião de Associações de Combatentes da Pampilhosa da Serra - 30 - 06 - 2018



Aniversário da A. C. Vale e Louredo Santa Maria da Feira - 07 - 007 - 2018



17.º Aniversário do Museu da Guerra Colonial Ribeirão - Famalicão - 09 - 07 - 2018



Almoço - Aniversário da Acup - 17 - 07 - 2018



Major Costa Matos e Daniel Roxo *Visão e Eficácia*

Continuação do número anterior

Francisco Daniel Roxo não fez parte destes grupos iniciais. Chegado a Moçambique há mais de uma década, ele continuava a percorrer a mata, caçando ao abrigo de uma licença outorgada pela Direção dos Serviços de Veterinária do Niassa. Não é claro o momento exato em que os dois homens se conhecem, mas num meio tão pequeno tudo se acaba por saber, mormente se o governador busca incansavelmente, homens que estejam dispostos a ajudá-lo na missão de travar a influência do IN no espaço da sua jurisdição.

Sabemos no entanto, que em 1963 o Major Costa Matos convenceu Daniel Roxo a aceitar um emprego como assistente no Censo da População da Província. Aproveitando o conhecimento profundo deste não só do terreno, mas também dos dialetos locais, o governador matou assim vários coelhos de uma só cajadada.

Em primeiro lugar experimentava as intenções de Daniel Roxo, que conheceria ainda mal, pese embora as boas indicações certamente recolhidas. Em segundo lugar ficava com dados objetivos de quem habitava o Niassa, e que movimentos de populações existiam através da fronteira norte, e se possível quem os fazia com alguma regularidade. Em terceiro lugar, percorrendo as aldeias do Niassa, o grupo do Daniel Roxo, ia recolhendo informações de todo o género, que compiladas e tratadas se revelariam fundamentais.

No final desse ano, o governador ordena ao Roxo que intensifique a recolha de dados nas aldeias no norte da província, junto ao Rovuma. Foi através deste trabalho que foi possível detetar movimentos de população em direção à ilha de Likoma, no lago, já em território do Malawi. Foi exatamente a partir de uma base nessa ilha que foi levado a cabo o ataque ao Cobué, que marca o início da luta armada naquela província.

No primeiro trimestre de 1964 o Major sente o nível de ameaça subir. Demonstrando mais uma vez a sua capacidade de ação e decisão, e confiante já nas capacidades de Daniel Roxo, atribui-lhe outra missão. Teria agora de utilizar as suas deambulações para fazer contrainformação. Esta deveria visar o desmantelamento da propaganda dos Comissários Políticos da Frelimo junto das populações, e quando esta fosse detetada, conseguir discernir as linhas de penetração e bases de apoio dos mesmos.

António Carlos Augusto

Continua no próximo número



O MEU TESTEMUNHO *A Despedida*

Todos os que participaram na guerra colonial, sem excepção, viveram a dolorosa experiência da partida. A esta estava ligada a penosa, inexplicável e traumática despedida dos seus familiares e amigos.

Custou-me muito quando o meu irmão mais velho foi mobilizado para Angola e se despediu dos nossos Pais e de nós seus irmãos.

Voltei a sofrer quando o meu segundo irmão mais velho foi mobilizado para Moçambique e se despediu da nossa Mãe (o nosso Pai tinha falecido há um ano) e de nós seus irmãos.

Agora tinha chegado a minha vez. Mobilizado para Timor, acabaria por ser Angola o meu destino. Também eu não escapei ao doloroso momento de me despedir dos meus familiares

e dos amigos a quem foi possível fazer. Por opção determinada pelo meu coração, a última pessoa de quem me despedi foi a minha Mãe.

Depois de uma noite mal dormida, nem o sol sorridente que iluminou aquele dia nunca desejado conseguiu dar-me algum ânimo para enfrentar aquela hora que eu não queria que chegasse.

Mas chegou! E passados 45 anos, lembro-me como se fosse hoje!

Antes de pegar na mala, abracei a minha Mãe e ali estivemos algum tempo, chorosos. Sentia os nossos corpos gelados. Os nossos corações batiam de uma forma descontrolada. Ela dava-me palavras de conforto sustentada por uma inabalável fé que tinha em Deus. Era a terceira vez que se despedia de um filho que ia para a guerra e talvez o seu coração tivesse ganho defesas. Ou era a força interior que só uma Mãe tem para enfrentar as amarguras da vida.

Acompanhou-me até à porta da casa e lembro-me das suas últimas palavras balbuciadas com abundantes lágrimas a cobrirem-lhe o rosto:

“Que tenhas uma boa viagem e que tudo te corra bem, meu filho. Que Deus te traga a salvamento”.

De olhos no chão e banhado em lágrimas, com muito custo ainda lhe disse:

“Adeus minha Mãe até qualquer dia”

Manuel Moreira Rodrigues
Auxiliar de Serviços Religiosos
Angola-1973/1975